

**A CASA DA PONTE E O NINHO VAZIO: A GEOGRAFICIDADE NA POESIA
DE CORA CORALINA E LEODEGÁRIA DE JESUS**

**THE BRIDGE HOUSE AND THE EMPTY NESTLE: THE GEOGRAPHIC
ASPECTS IN THE POETRY OF CORA CORALINA AND LEODEGARIA DE
JESUS**

**LA CASA PUENTE Y EL NIDO VACÍO: LA GEOGRAFÍA EN LA POESÍA DE
CORA CORALLINA Y LEODEGÁRIA DE JESUS**

Pedro Arthur Crivello Neves Pedreira¹

Universidade Federal de Goiás (UFG), Goiânia (GO), Brasil

Valéria Cristina Pereira da Silva²

Universidade Federal de Goiás (UFG), Goiânia (GO), Brasil

Resumo: Este artigo advém de um trabalho de um estudo de quatro obras literárias ao qual busca não só fazer um paralelo entre geografia e literatura, mas também identificar símbolos do espaço na poesia de Cora Coralina e Leodegária de Jesus, duas poetisas que viveram na Cidade de Goiás do século XX e foram expoentes por sua obra que retratava muitos aspectos da cidade e do espaço que viviam. O título remete a símbolos utilizados pelas autoras em seus poemas e que mais tem semelhança pois revelam a proximidade delas com a Cidade de Goiás. O trabalho também pretende identificar a influência que a literatura tem no espaço, observando o museu de Cora e a Livraria Leodegária de Jesus, respectivamente um legado deixado pela autora mais conhecida de Goiás e uma homenagem para a primeira mulher que publicou um livro de poesia no Estado. O trabalho usa do ponto de vista fenomenológico e análise dos símbolos do espaço para compor sua estrutura.

Palavras chave: Cora Coralina; Leodegária de Jesus; Fenomenologia; Experiência; Poesia.

Abstract: This article came from research from an analysis of four poems book that intend not just trace a parallel between geography and literature, but also identify symbols of the geographic space in Cora Coralina's and Leodegaria de Jesus' poetry, two female poetries who lived in the twenty century Cidade de Goiás and were head autor for their literary contribution that shown a lot of city and special aspects where they lived. This tittle remains to symbols used in their poems that shown the feelings for the Cidade de Goiás. This article also wants to identify the influence of the literature in the living space, gazing the Cora Coralina's Museum and the book store "Leodegaria de Jesus", respectively a heritage of the most known writer in Goiás and a tribute for the first woman who wrote a poetry book in the state. This study use the phenomenology point of view and analyses space symbols to complain its structure.

Key words: Cora Coralina; Leodegaria de Jesus; Phenomenology; Life experencie; Poetry.

¹ Licenciatura em Geografia pela Universidade federal de Goiás (UFG). E-mail: pedroarthurcrivello@gmail.com

² Professora do Instituto de Estudos Socioambientais (IESA), da Universidade federal de Goiás (UFG). E-mail: valeria_silva@ufg.br

Resumen: Este artículo surge de un estudio de cuatro obras literarias, que busca no sólo hacer un paralelismo entre geografía y literatura, sino también identificar símbolos de espacio en la poesía de Cora Coralina y Leodegária de Jesus, dos poetisas que vivieron en la Ciudad de Goiás del siglo XX y fueron exponentes de su trabajo que retrató muchos aspectos de la ciudad y el espacio en el que vivían. El título hace referencia a los símbolos utilizados por los autores en sus poemas y que tienen mayor similitud porque revelan su proximidad a la Ciudad de Goiás. El trabajo también pretende identificar la influencia que la literatura tiene en el espacio, observando el museo de Cora y la Librería Leodegária de Jesus, respectivamente, legado dejado por la autora más conocida de Goiás y homenaje a la primera mujer que publicó un libro de poesía en el Estado. La obra utiliza el punto de vista fenomenológico y el análisis de los símbolos del espacio para componer su estructura.

Palabras Chave: Cora Coralina; Leodegária de Jesus; fenomenología; experiencia del vida; Poesía.

1. INTRODUÇÃO

Quando se pensa na Cidade de Goiás muitos elementos do ramo do conhecimento veem a mente, seja no turismo, na história, na geografia, mas principalmente da literatura. Isso se deve ao fato da ilustre presença de autores e autoras que ao falar da antiga capital nos seus versos, serviram de referência para muitas pessoas conhecerem outros aspectos da cidade, esse trabalho vai se atentar a duas autoras.

Patrona pela academia brasileira de letras Cora Coralina é referência quando se trata de literatura goianiense, suas obras são responsáveis por apresentar a imagem da Cidade de Goiás para muitas pessoas dentro e fora do Estado. Não menos importante Leodegária de Jesus, que leva o título de ser a primeira mulher a publicar um livro de poesia em Goiás, é uma poetisa que está sendo muito revisitada hoje, pois se manteve mais a sombra da literatura goiana, tendo visto sua história como, mulher, negra e pioneira em sua área.

Tais autoras pareciam ter um fascínio com a Cidade de Goiás, a antiga capital do Estado era sempre reverenciada em suas obras líricas, consequentemente a cidade do século passado ficou imortalizada em tais poemas. As referências histórico-culturais e físicas-naturais constroem os versos de tal forma que uma das formas que é possível resgatar esse conhecimento sobre a cidade é através da produção literária.

A análise aqui feita levará um ponto de vista fenomenológico, dando rápida atenção sobre como fazer uma boa interseção entre a literatura e os conhecimentos geográficos, aqui falarei de poema por poema de duas obras distintas de cada autora,

sendo elas as duas obras que Leodegária escreveu em vida *Coroa de Lyrios* (1906) e *Orchideas* (1928) e as marcantes obras de Cora *Becos de Goiás e estórias mais* (1965) e *Vintém de cobre* (1983), sendo usada as republicações mais recentes desses exemplares.

Esse artigo levantara certas questões, e possíveis pontos que ele pretende resolver, entre eles está a identificação dos símbolos do espaço que se perpetuam na literatura e o seu significado no imaginário social, ou seja a simbologia do espaço presente na literatura da Cidade de Goiás.

Outro ponto a ser solucionado vem com a seguinte pergunta: se o espaço influencia a literatura, seja através dos elementos do imaginário da memória ou da vivência, o espaço também passaria a ser influenciado por essa literatura?

Autoras tão importantes como Leodegária e Cora, influenciam uma geração de leitores e tem sua importância reconhecida pelos próprios moradores de Goiás, a questão aqui é se sua contribuição literária também ajuda a modificar o espaço, mesmo que em pequenos aspectos.

2. DIÁLOGOS ENTRE GEOGRAFIA E LITERATURA

A geografia dos livros é um objeto de estudo bastante significativo para a linha da geografia cultural, através da palavra escrita podemos acessar diversos lugares, sejam eles reais ou fictícios, através da descrição do autor, sendo quando mais detalhada melhor para nos ambientarmos, a frase clichê de que “quem lê cria mundos” se encaixa perfeitamente para o geógrafo que estuda a perspectiva do lugar através da literatura.

A linha de pensamento ao qual me guio para fazer esse trabalho, que é usada por muitos outros da mesma área cultural, é a fenomenologia, o estudo do lugar como um fenômeno da vida humana, aonde um de seus principais expoentes foi Gaston Bachelard (1993;1997) cuja seu pensamento influenciava na forma de pensar a matéria e o palpável de uma forma poética.

Em seu livro *A água e os sonhos* o autor começa a refletir como a matéria e consequentemente o espaço que ela ocupa reflete o inconsciente humano, seus desejos mais profundos e suas relações pessoais:

Mas a terra natal é menos uma extensão que uma matéria; é um granito ou uma terra, um vento ou uma seca, uma água ou uma luz. É nela que materializamos os nossos devaneios; é por ela que nosso sonho adquire sua exata substância; é a ela que pedimos nossa cor fundamental. (Bachelard, 1993, p.9).

Como podemos ver no trecho acima, a fenomenologia bachelardiana busca relacionar os sonhos ao nosso espaço, ao lugar habitável, à terra natal e entre outras relações do ser humano com o mundo que habita. Seu método identifica símbolos e fazem refletir qual a importância imaginativa cada elemento retratado no texto tem para determinado autor e para aquele que o lê.

Um importante autor para se trabalhar o lado íntimo da geografia é Yi-fu Tuan(1980; 2018) pois além de estabelecer o tema da Topofilia, ou a proximidade sentimental do ser humano com o lugar em que ele mora, ele mostra uma linha de pensamento que nos faz perceber que o lugar é uma experiência vivida.

A literatura nesse sentido é produto da experiencialização, serve para passar principalmente a experiência pessoal do autor para o leitor, aqui a literatura é como a arte que como forma de expressão transforma o lugar vivido palpável, como afirma o autor: “A literatura e a pintura produzem uma consciência de lugar que reflete a nossa própria experiência; o que antes era sentido agora pode ser visto, o que era sem forma e incerto agora está enquadrado e imóvel” (Tuan, 2018, p.12).

O trabalho então seguirá pela linha fenomenológica e ainda levará em consideração a experiência como parte do trabalho de construção do imaginário, já que cada pessoa constrói seus signos através da vivência que leva, e isso é de extrema importância pois a vida dessas duas mulheres influenciou muito na sua escrita e por consequência sua escrita influencia muito sobre aspectos da vida de outras pessoas do futuro.

3. A VIDA DE CORA CORALINA E LEODEGÁRIA DE JESUS

Esse tópico será dedicado a fazer um apanhado biográfico da vida das duas autoras, que foram concebidos através dos estudiosos de suas vidas através da história com o intuito de contextualizar o leitor sobre como os contextos históricos sociais que permearam a vida dessas duas autoras influenciaram suas obras e qual a relevância que elas receberam.

A bibliografia aqui trabalhada será através dos estudos de Denófrio (2019), França (1996) e Ramón (2006), que não só relatam os aspectos secos dos acontecimentos, mas também compõem uma análise dos sentimentos das autoras através de suas obras, destrinchando poemas, e trazendo os relatos de autores que analisaram suas obras em vida.

Nesta parte também chegará ao ponto de falar da importância das obras dessas duas que influenciaram a literatura em Goiânia e principalmente a literatura feminina da região que foi receber o reconhecimento a duras penas em uma sociedade extremamente tradicional.

Para poder contar a história de vida das autoras dividirei essa parte em dois subtópicos, que nomearei pelos apelidos carinhosos aos quais elas foram conhecidas ao longo de suas vidas para um aspecto de maior proximidade sendo que o objeto de estudo não é só a visão geográfica dessas mulheres, mas suas vivências, seus sentimentos e sua poesia.

4. PASSARINHO, A TRISTE LEODEGÁRIA DE JESUS

Segundo a biografia escrita por França (1996) Leodegária Brasília de Jesus nasceu em Caldas Novas Goiás (GO) no dia 08 de agosto de 1889, logo aos 2 meses de idade se mudou para Jataí aonde passou boa parte de sua infância e em 1898 se muda para a capital da época a Cidade de Goiás. Filha de dois professores, e ainda o pai ganharia o título de deputado estadual eleito pelo partido Republicano Federal, Leodegária e a irmã iniciam seus estudos no colégio de Sant'Ana. Sua inclinação à escrita revelou-se muito cedo, aos 14 anos, em 1903, escreveu o primeiro poema ao pai em uma carta e aos 17 anos, em 1906, publicou seu primeiro livro "*Coroa de Lyrios*" (ipsis litteris) com coletâneas do que escreveu durante seus 15 e 16 anos.

"*Coro de Lyrios*" (ipsis litteris) foi não só um marco na vida de Leodegária de Jesus como foi também para a Cidade de Goiás, pois como bem relata Denófrio (p.20, 2001) foi o primeiro livro de punho feminino publicado no Estado de Goiás, que era extremamente provinciano e machista no começo do século passado. Aqui mostra-se o quanto esse livro é um símbolo de resistência ao qual uma mulher, negra e jovem

conseguiu adentrar na literatura Vilaboense e Goiana em um tempo em que a elite intelectual era masculina, branca e velha.

Ainda segundo a biografia de França (1996), depois disso a autora só haveria de publicar sua segunda e última obra *Orchídeas* (ipsis litteris) em 1928 quando a poetisa, e professora (como havia se tornado seguindo os passos dos pais), morava em Uberabinha (atual Uberlândia). Porém, sua produção literária não se manteve restrita aos seus dois livros, pois ela já havia publicado poemas em alguns jornais da região centro-oeste como o *Correio da manhã* e *O lar* e inclusive ajudado a fundar o seminário a *Rosa de Vida Efêmera*, que contou com a participação de várias mulheres de Goiás incluindo Cora Coralina.

Durante a vida Leodegária escreveu muitas cartas ao pai, seu amigo e confidente, quem a apelidou de passarinho, por sua doçura e simplicidade. O “Passarinho” ficaria conhecido, então, como um símbolo do imaginário de sua literatura, junto com as flores ao qual dão nome aos seus dois livros.

Apesar do apelido não foi como um passarinho que Leodegária partiu, próximo de completar 89 anos em Belo Horizonte faleceu em 12 de julho de 1978 após 23 dias sofrendo por problemas de saúde. Não deixou filhos de sangue ou viúvo, e partiu com o coração que era eternamente partido, ao qual se partia mais não só pelos seus amores não correspondidos, mas por não enxergar a beleza no mundo, segundo os relatos em seus últimos dias ela cabisbaixa se queixava: “hoje as pessoas não gostam e nem sabem mais o que é poesia” (França, p.22, 1996).

O lirismo de Leodegária de Jesus é muito sincero e sofrido, tendo como tema sua vida de solidão e amor não correspondido, pois não se casou, mas nutria intensamente uma paixão por um homem que não correspondia. Essa característica ficou marcado como uma poetisa romântica, nos dois sentidos da palavra, já que como aponta Denófrio (p.20, 2001) sua métrica era bem marcada tendo produzido dos 100 poemas de seus dois livros juntos 70 sonetos, alternando em decassílabos e alexandrinos.

5. A MENINA ANINHA DA CASA DA PONTE.

Segundo a biografia presente na reimpressão de *Vintém de cobre* (2013) Anna Lins dos Guimarães Peixoto Brêtas, nasceu em 20 de agosto de 1893, aos 14 anos iniciou sua carreira de escritora publicando seu primeiro conto no anuário histórico geográfico de Goiás (1903), porém no ano seguinte ela saíria de Goiás com o marido para morar no interior de São Paulo só retornando ao Estado de Goiás 45 anos depois para voltar a morar na casa velha da ponte, seu reduto de infância.

O uso do pseudônimo Cora Coralina foi adotado, enquanto ela publicava pequenos poemas e contos em jornais, para esconder a identidade do marido, o advogado Cantídio Tolentino de Figueredo Brêtas, que não incentivava o trabalho da mulher. Cora viveu em uma sociedade muito machista e estar à frente do marido em questões sociais e intelectuais seria inconcebível para o preconceito daquela época.

Cora deixou em seus poemas muito desses problemas conjugais, como mostrado por Pereira (2009) no poema *Das pedras*, ela traduz a “angústia de obedecer a conceitos que não acomodavam em seu peito”.

O nome Cora, ainda assim, criou uma identidade própria e uma persona que refletia a origem e os sentimentos da menina Ana. Em muito dos seus poemas costumava se intitular como a lavadeira do Rio Vermelho, uma personagem que carrega a simplicidade e a força de uma mulher que trabalha, uma realidade muito difícil para aquela época:

Valendo-se de uma sinédoque, a substituição do agente (lavadeira) pelo trabalho (corar roupa), a poetisa auto identifica-se no papel humilde de lavadeira em sua função libertária. Libertária sim, pois com a fantasia magnânima e com êxtase da poesia, lava a sujeira, os monturos da vida, o pó da mesquinhez humana, para apresentar uma cidade luminosa, os becos rutilantes e as pessoas, amigas e irmãs. (Ramón, 2006, p.24).

Embora sua persona fosse de uma lavadeira, na sua vida social ela se especializou em outro tipo de trabalho, depois da morte do marido Ana Lins começou a fazer doces de frutas, famosos na Cidade de Goiás, chegando a dizer que era mais doceira que escritora. Trabalhando para sustentar os quatro filhos, e tendo tido a repressão do marido, ela só publicou seu primeiro livro *Becos de Goiás e Histórias mais* (1965) aos 76 anos.

Mesmo sendo uma excelente doceira foi pela sua escrita que ela chamou a atenção de ilustres Brasileiros como Carlos Drummond de Andrade, em resposta ao livro *Vintém de Cobre* (1983) o escritor diz em uma carta:

Minha querida amiga Cora Coralina: Seu Vintém de Cobre é, para mim, moeda de ouro, e de um ouro que não sofre as oscilações do mercado. É poesia das mais diretas e comunicativas que já tenho lido e amado. Que riqueza de experiência humana, que sensibilidade especial e que lirismo identificado com as fontes da vida! Aninha hoje não se pertence. É patrimônio de nós todos, que nascemos no Brasil e amamos a poesia. (ANDRADE *in* Coralina, 1983, p.23).

Cora Coralina ficou conhecida pela sua trajetória, sendo mulher e viúva, tratava de temas como a emancipação da mulher, pois para ela foi algo necessário para sua sobrevivência, e por tratar de temas cotidianos e personagens excluídas de algumas camadas sociais, ela valorizava o simples e consequentemente representava a gente simples da cidade em seus poemas.

A casa da ponte, a casa ao qual ela cresceu se tornou seu marco, virou museu e ponto turístico da Cidade de Goiás, Cora viveu nela até o dia de sua morte em 10 de abril de 1989, aos 96 anos (Ramon, 2006, p.31).

Como membro do clube literário Goiano Cora conheceu Leodegária de Jesus, como diz em seu próprio poema *Velho Sobrado* (Coralina, 2014, p.84), mesmo assim o legado das duas se manteve paralelo, em certos aspectos, porém é difícil pensar que duas poetisas que viveram na mesma época e lugar não dividiram questões semelhantes ou pelo menos uma visão de mundo.

O próximo passo desse trabalho não é só encontrar pontos de interseção entre as obras, mas sim identificar uma visão de mundo que dias como o lugar e o tempo em comum a Cidade de Goiás do século XX, influenciou na sua visão de mundo delas e quais o simbolismo característico das pessoas que compartilham tal espacialidade.

6. A CASA DA PONTE E O NINHO VAZIO: O SIGNIFICADO DO ESPAÇO PARA O EU LÍRICO DE CORA CORALINA E LEODEGÁRIA DE JESUS

Passando para destrinchar as partes dos poemas, identificarei os pontos centrais de elementos descritos na poesia do espaço e outros que apresente conceitos geográficos, e até algumas alegorias ao espaço que foram trazidas pelas duas autoras, mesmo que as vezes os conceitos de “lugar” e “espaço” estejam transfigurados no sentido do senso comum, pois as autoras não tinham pretensão de serem alinhadas com os conceitos geográficos.

Primeiramente, devemos entender que significado tem a “cidade” em si para as autoras, já que esse é um tema comum em suas poesias. Antes de irmos aos textos líricos é importante frisar que existem vários tipos de cidades e vários sentidos para ela na literatura.

De toda forma um aspecto que a cidade tem para essas poetisas está equiparado com uma função bem comum do gêneses dessa estrutura social, sendo uma função de proteção, mas uma proteção mais uterina, como um acolhimento, como poeticamente especifica Reckert (1989 p.13) “não por acaso o hieróglifo egípcio que significava ‘vila’ se empregava também, metaforicamente, para ‘mãe”.

O primeiro aspecto materno na poesia dessas mulheres é sempre relacionar a cidade com “o lugar da infância”, parte importante da vida, o lugar ao que aqui podemos chamar não de terra natal ou terra de origem, mas a terra ao qual as autoras se sentiram acolhidas para chamarem de lar por um tempo.

Para Leodegária o primeiro lugar acolhedor foi a cidade de Jataí, ela relaciona essas lembranças com a paisagem local e a elementos naturais da cidade com as boas lembranças do passado e atribui sua felicidade:

...Essa campina alacr'ante[sic]
é meu berço idolatrado
, é Jataí adorado,
essa terra deslumbrante.

Foi nessa terra querida,
nessa campina formosa,
que s'escoou[sic] descuidosa
a infância minha florida.
(Jataí, Jesus, p.31, 2020).

A cidade de Jataí, interior do estado de Goiás, aparece nesse poema como um refúgio, atribuindo a beleza de elementos da paisagem local, a “campina formosa”, como um lugar de alento pessoal que glorificou sua infância como algo belo para si e ao qual tem desejo de retornar.

E apesar de Jataí ter feito parte da vida da autora, como seu primeiro “berço”, ela volta a usar essa expressão para *Goiás* (in *Orquídeas* p.23-24, 2021.) (não sabendo ainda se o título do poema referenciava a cidade capital ou o estado). Nesse poema Leodegária nomeia também Goiás como sua “pátria amada” (com uma possível influência romântica, caracterizado pelo seu tom ufanista) ela também usa de novo os elementos de acolhimento da primeira infância chamando o lugar de “berço adorado”. A poetisa o saúda por ser para ela um lugar de primeiros “De minha dor primeira/do meu primeiro sonho... onde exilou-me a minha desventura/ e a mocidade minha saturada.” e como ela reforça que esse lugar significa para ela um desejo pessoal pois em seus últimos versos reforça: “vivo a sonhar contigo eternamente”.

Por muitas vezes Leodegária chega a referenciar o lugar de infância como o seu “ninho”. Tendo esse símbolo um significado pessoal muito forte, já que ela era o passarinho, e o que seria dos pássaros se não tivessem um ninho para voltar. O símbolo do ninho para a fenomenologia de Bachelard (1993) é muito bem aqui colocado em concordância com o que a autora consciente ou inconscientemente, pensava. Para os primeiros aspectos o ninho em geral remete a um espaço simples: “O ninho, como toda imagem de descanso, de tranquilidade, associa-se imediatamente à imagem da casa simples. Da imagem do ninho à imagem da casa ou vice-versa, as passagens só se podem fazer sob o signo da *simplicidade*”. (Bachelard, 1993, p.261).

Leodegária buscava pela simplicidade não só como beleza, mas como uma figura de paz, assim como muitos românticos associam o boêmio e a vida campesina à uma singela felicidade, e da paz de se viver perto da natureza, somando isso à proteção da casa, o ninho é o exemplo perfeito de recolhimento simples e aconchegante. O exemplo mais claro disso em Leodegária, vem abaixo, onde a autora associa “casa” e “ninho” como sendo sinônimos:

Longe, ao sopé da vírde colina,
Num valezinho rico de verdura,
Ergue-se a casa tosca, pequenina,
Ninho grácil de paz e frescura.

(*Tela Agreste*, Jesus, 2021, p.43).

O ninho pode acabar tendo significados distintos se formos analisar, ele aqui interpretado pode ser tanto um lugar de felicidade quanto de tristeza. O ninho feliz é um ninho habitado, aonde os pássaros botam seus ovos e criam seus filhos, um ninho que representa “o amor no bosque”. Já o ninho vazio é um lugar de pesar, de abandono, encontrar um ninho vazio, na fenomenologia, é encontrar um lugar de lembrança perdida:

Quantas vezes, no meu jardim, conheci a decepção de descobrir um ninho muito tarde. Já chegou o outono, a folhagem já se torna menos densa. No ângulo formado por dois galhos, eis um ninho abandonado. Portanto, eles estavam ali, o pai, a mãe e os filhotes e eu não os vi!

Tardiamente descoberto na floresta do inverno, o ninho vazio despreza o seu descobridor. O ninho é um esconderijo da vida alada. Como pôde permanecer invisível? Invisível em face do céu, longe dos sólidos esconderijos da terra? (Bachelard, 1993, p.258).

Vemos que para o nosso passarinho, deixar a Cidade de Goiás foi como deixar para trás um ninho ao qual tinha construído a sua felicidade, em sua poética a autora associa a tristeza com a saudade da terra, ela evidencia isso em seu segundo livro, quando escreve a dor de deixar a terra:

Bendirás, meu amigo, com certeza,
A hora em que deixaste, entre gemidos,
Goiás- ninho frio da tristeza.
(*Ao partir*, Jesus, p.27, 2021).

Agora ao voltarmos para o seu primeiro livro, que mesmo não tendo o contexto do afastamento da cidade, Leodegária deixa ainda mais evidente como o simbolismo do ninho coincide, ou melhor, se uniformiza no imaginário social, de duas pessoas que viveram em épocas distintas e lugares distintos, Leodegária parece revisitar as afirmações de Bachelard(1993) para criar um simbolismo poético muito forte do lugar ao escrever o poema *Ninho vazio*:

Por entre ramas verdes, perfumadas,
Que do ribeiro à margem vicejavam[sic],
Entre o sorrir das flores delicadas,
Ninho gentil as auras balouçavam.

Dentro, um casal de pássaros vivia,
Em idílio contínuo, descuidado,

E, docemente, a vida lhe corria,
Num transporte de amor imaculado.

Mas chega o inverno, em desamor ferino,
E então expulsa as aves, de momento,
Do sorridente abrigo pequenino.

Hoje, esse ninho, a balouçar silente,
Ao sopro frio e ríspido do vento,
Encerra em si um quadro comovente.
(*Ninho vazio*, Jesus, 2020, p.26).

O *Ninho Vazio* de Leodegária é intensamente metafórico, pois simboliza muitas perdas, ao qual vemos que na vida da autora tiveram muitas, e encaixa perfeitamente com os símbolos identificados por Bachelard (1993) em outros autores. Se compararmos os dois últimos recortes acima podemos ver tudo se repetir: as lembranças felizes do passado quando o casal de pássaros habitava o ninho com seus filhotes, o inverno como aquilo que afasta os pássaros de sua morada e o desalento ao encontrar o ninho vazio no presente.

O interessante sobre a simbologia do ninho é que ela aparece também em um poema de Cora, ele aparece não como o ninho em si, mas especificamente como a casa do João de Barro, um ninho feito de elementos da terra (como as casas dos seres humanos). A casa do João de Barro é a primeira ambientação de *As Maravilhas da Fazenda Paraíso*, um poema que descrevia uma das casas da família de Cora onde ela mantém um apreço de reduto de infância:

No terreiro rústico da Fazenda Paraíso,
Nos anos da minha adolescência,
era certa e esperada aquela comunicação anual.
A volta dos casais de João-de-Barro,
Para levantar suas casinhas novas
Nos galhos do grande jenipapeiro...
(Coralina, *As maravilhas da Fazenda Paraíso*, 2013, p.87)

Se foi de maneira consciente ou não, quando Cora evoca uma lembrança da juventude, de um lugar em que se sentia feliz e gostaria de exaltar suas características, a primeira lembrança que vem é o ninho do João de Barro, como se ele fosse uma metonímia da própria fazenda/casa ao qual ela queria referenciar, reforçando a ideia do simbolismo do ninho e da casa da infância como acolhimento.

Seguindo as comparações A Cidade de Goiás também aparece como lugar de alento ao qual quer-se retornar, como última fase da vida ao qual a autora expressa seu

desejo (qual infelizmente não conseguiu ser realizado) de morrer no lugar em que ela, como podemos analisar pelos aspectos biográficos da parte anterior, foi feliz:

(...)Ver uma vez ainda essa querida
Serra Dourada que minh'alma[sic] adora;
E o velho rio, o Cantagalo, a ermida,
Eis que sonho unicamente agora.

Depois...morrer fitando o sol no poente,
Morrer ouvindo ao desmaiar figueiro
De tarde estiva o sabiá dolente.
(*Supremo anelo*, Jesus, 2021, p.25).

Enquanto Leodegária usa a metáfora do ninho para falar sobre seus anos dourados, Cora Coralina é mais direta em referenciar seu local de infância, inclusive como ela faz colocando esse local como parte de sua identidade. Em uma parte do poema ela refere-se como “A Menina Feia da Casa da Ponte da Lapa” (Coralina, 2012, P.34) e logo depois completando com seu apelido de infância, “aninha”, deixando claro que o processo de sua infância faz parte importante para mostrar quem ela é.

Era comum da autora sempre evocar o eu lírico falando de quem era, como uma gama de identidades. Essas identidades acabam sendo complementadas pois são parte da história de Cora, mas o mais interesse é que elas muitas vezes remetem a um lugar, mais a frente nesse mesmo poema Cora irá referenciar-se como “aquela mulher que ficou velha, esquecida” (2012, p.34), mostrando como seu eu garota envelheceu e se tornou outro, no mesmo lugar, já que como podemos ver por sua história pessoal ela retorna a casa de infância depois de muitos anos.

Nesse poema então podemos perceber a relação que Tuan (1980, p.66) estabeleceu com a percepção do ser humano com o meio ambiente através da perspectiva da idade. Cora escreveu seus poemas mais velha, então a visão que tinha do mundo não era de uma alma sonhadora com o futuro, mas sim com o passado, por isso é tão forte esse aspecto nostálgico de se referir ao lugar, mostrando como as vezes a passagem de tempo pode ser cruel, e a memória é a única coisa que conforta.

A casa da infância normalmente aparece na poesia com um aspecto onírico, (Bachelard,1993, p.206) ou seja, um devaneio sonhador que nesse sentido pode nos levar remeter a querer voltar por meio da imaginação em tempos que foram mais felizes, isso é característico de um eu lírico de escrita mais intimista, menos eloquentes, diferentes dos

sonetos heroicos que foram influenciados pelo romantismo, essa é uma poesia da intimidade, dos sentimentos mais profundos do autor, não é de impressionar que Cora Coralina tenha evocado nesse poema também sua identidade.

Essa nostalgia é mais evidente se pararmos para pensar que a Casa da Ponte da Lapa ao qual Cora se refere é não só o seu lugar de infância, mas o seu lugar de velhice, aonde ela retornou depois da morte do marido e viveu até os seus últimos dias, assim esse lugar passa a ser mais que um reduto de infância e sim um lar.

Mas o que diferenciaria “a casa da infância” do “lar”? mesmo sendo ambas alcunhas que a “Casa da Ponte da Lapa” carrega, ela tem esses dois símbolos, quando descritas na poesia da autora. Como Lar ela vem em um aspecto de testemunha da vida.

O Lar é um aspecto interessante da vida do ser humano, e para o poeta mais um pouco. Tuan (2018, p.7) ambienta o significado do lar dizendo que o lar além de ser nossa proteção, para aonde recolhemos para o descanso, alimentação e outros aspectos da vida cotidiana ele é onde “a vida começa e termina”, aonde o ser experiencia coisas pessoais, abrir o lar é se abrir, quando Cora fala de seu lar, ela fala de si mesma, do tempo que viveu no espaço que viveu.

Esta casa em especial está tão ligada ao íntimo de Cora Coralina que em seu poema *Meu amigo* ela começa escrevendo, para um amigo já falecido, “coisas que estão acontecendo na Casa Velha da Ponte” (2013, p.209). Percebe-se que agora a casa da ponte tem o adjetivo “velha” diferente do poema anterior, referenciando a própria autora, que envelhecida fala do seu presente, contando todas as intemperes que o tempo fez com ela, levando lembranças e pessoas queridas para longe. A intersecção da identidade de Cora com a casa é que para contar de sua vida ela tem o ponto de partida o seu reduto de infância e também o seu lar na velhice.

Tal poema continua falando sobre as dores dos familiares que perdeu (a bisavó, a tia Nhorita, o avô) associando de novo essa casa ao passado feliz, fazendo com que a memória sempre parta desse lugar. Para a poetisa memória sempre está associada ao lugar, tendo em vista que o quanto da mesma maneira que ela fica mais velha a casa também envelhece, como se sua história tivesse intimamente conectada ali, pois quando o tempo passa e leva a vida e felicidade a casa também perde a sua vivacidade:

Ficou para nós, velhos namorados dessas coisas simples,
A lembrança, essa doçura de evocação.

Elas deixaram o recado:
Fala para seu amigo que não tinha mais jeito...
E a Casa Velha da Ponte ficou desfalcada
De seus encantos.
(Coralina, *Meu amigo*, 2013, p.210).

O envelhecer então se torna algo desgastante, ambas as autoras falam desse tema em seus textos com sofrimento, enquanto Cora reclama do esquecimento dos outros pelas coisas velhas, Leodegária pesarosamente fala sobre como as decepções do mundo acabam por entristecer uma alma. Em *À mocidade*, Leodegária diz:

E cultivai a pureza.
O aroma da adolescência,
E conservai n'alma(sic) acesa
A doce luz da inocência.
(*À mocidade*, Jesus, 2021, p.96).

O pesar com o envelhecimento aparentemente parece isolado ao lugar, porém se lembrarmos da história de cada uma vamos ver certos percalços que são parecidos. Cora Coralina teve uma carreira literária tardia, por causa do marido e ainda teve dificuldade para sustentar os filhos sozinhos sendo viúva, Leodegária não conseguiu ingressar em direito, por questão ainda nebulosas e teve um amor não correspondido e manteve sem se casar até o dia de sua morte.

Para essas mulheres, que viveram em uma sociedade patriarcal, a fase adulta era cheia de decepções e isso causava o sofrimento delas, a juventude em Goiás vem além como a lembrança de felicidade um aspecto de pureza e esperança, pois como mulheres mais jovens a sociedade ainda não havia cobrado tanto, por isso a cidade era tão importante para elas.

Parando um pouco de observar o simbolismo do espaço, atentaremos em aspectos sociais da poesia das duas autoras. Vamos lembrar que estamos falando de duas mulheres que uma profissão intelectual no decorrer do século XX, sendo que o direito ao voto só foi conquistado no Brasil em 1932, mostrando que durante esse século houve uma luta muito grande do movimento feminista para a emancipação e direito das mulheres. (Alves; Alves, 2013, p.116)

Pela história de Cora, vemos que seu marido impediu que ela trabalhasse como autora, o que com certeza foi um ponto limitante para sua produção literária, que realmente só se tornou possível depois que enviuvou. Tendo essa marca em sua vida,

Cora defendia, não só a sua, mas a emancipação das mulheres, por isso muito se dizia que ela era uma mulher à frente do seu tempo, e esses dizeres ela transformou em poema:

Tudo que criei, imaginei e defendi
Nunca foi feito.
E eu dizia como ouvia
A moda do consolo:
Nasci antes do tempo.

Alguém me retrucou.
Você nasceria sempre
Antes do seu tempo.
Não entendi e disse Amém.
(Coralina, *Nasci antes do tempo*, 2013, p.38).

A vida de Leodegária também reflete um pouco do que se esperavam da mulher na sociedade Goiana, a autora não se casou, procurou o direito e não foi bem sucedida, tentou escrever e mesmo sendo uma promessa só conseguiu publicar dois livros. Leodegária foi contra o que se esperava de uma mulher naquela época e talvez esse seja um dos motivos por ter adotado o tom melancólico em seus poemas, pois vivia envolta de expectativas que não foram cumpridas.

Para finalizar a análise da espacialidade das duas autoras, entenderemos quais localidades da Cidade de Goiás são importantes para o lirismo de suas obras, nesse sentido vamos explorar o que mais chama atenção para elas.

Como já discutido, Cora Coralina fala muito da sua própria casa, a relação íntima da autora com a casa acaba refletindo em um elemento que está presente na mesma paisagem, o Rio vermelho. Além de se identificar algumas vezes como uma lavadeira do rio, esse curso d'água foi uma referência muito forte para sua paisagem, e para ela referência da vivência da cidade.

No poema Rio Vermelho (Coralina, 2014, p.79-83), Cora Coralina traz alguns adjetivos ao rio, o chamando de “vidraça do céu”, “santo milagroso” e ainda o relacionando com várias pessoas da cidade, as lavadeiras e dos meninos, falando que certa ponte seria a ponte dos namorados e por onde passava os cortejos fúnebres (ponte do Carmo), a outra que seria pinguela dos destemidos (ponte nova do Mercado) e outra que seria a que viveu sua infância (ponte da Lapa).

Outra espacialidade que se torna símbolo da Cidade de Goiás é a Serra Dourada, ela representa o poder pela sua exuberância e pela associação com a extração de ouro, é

um componente físico natural que é associado sempre a força contrastada com o coração sofrido de Leodegária:

Gosto de ver-te assim; perante a majestosa
Angústia que te envolve sempre... eternamente,
Eu me sinto feliz; esqueço inteiramente,
A mágoa que me punge e a vida tormentosa.
(Jesus, *À velha serra*, 2021, p.21).

Essas duas espacialidades, o Rio Vermelho e a Serra Dourada, que são específicas da Cidade de Goiás, representam tanto o povo quanto a ideia de grandiosidade pela biodiversidade local, outros símbolos menores aparecem nos poemas e são valorizados, como as ruas, os becos, as árvores e a campina, mas elas seguem os mesmos significados que as espacialidades citadas.

7. O ESPAÇO INCORPORA A POESIA: O LEGADO DE LEODEGÁRIA E CORA

As observações feitas nesse tópico foram feitas em um trabalho de campo na Cidade de Goiás em setembro de 2022, que além de ter fornecido mais informações sobre a vida das duas autoras, mostra como o legado delas é visto até hoje.

Contudo o objetivo principal dessa parte no trabalho é avaliar as mudanças no espaço através da literatura, se essas mudanças são relevantes ou não e como elas ressignificam o espaço, mais uma vez levando em conta a cidade do ponto de vista do imaginário.

Os pontos visitados foram a livraria Leodegária e o museu de Cora Coralina, a famosa casa da ponte que a autora tanto cita, a análise a seguir leva em conta impressões e as funcionalidades de cada um desses espaços que foram ressignificados e serviram de homenagem para tais autoras.

7.1 A livraria Leodegária de Jesus

No mercado municipal da Cidade de Goiás sala 9 bloco A, se encontra a livraria Leodegária de Jesus, uma associação criada para comercializar livros de autores goianos e outros, mas para antes de tudo homenagear a primeira poetisa da Cidade de Goiás. Se tornando um ponto de cultura da cidade pois a livraria promove eventos literários, como

lançamentos de livros, e artísticos, como mostra de cinemas, bem comuns na cidade que sedia o FICA (festival internacional de cinema ambiental). Além de ser um lugar que presa pela memória da literatura local, pois a livraria foi responsável pela reimpressão das obras de Leodegária que usei neste trabalho.

Logo na entrada (imagem 1) a livraria faz uma referência aos principais símbolos associados a autora, o passarinho (pelo apelido carinhoso) as flores (associando ao nome de seus dois livros) e uma arpa formando o L de seu primeiro nome (associado ao seu lirismo ritmado), dentro da loja está uma foto de sua figura que é geralmente usada para referenciar Leodegária.

Imagem 1 – entrada da livraria leodegária



Fonte: acervo pessoal

Mais à frente no mesmo local, em um banco está sentada a estátua de Leodegária e Cora Coralina, essa imagem vem como uma homenagem, mas também por associar as duas poetisas que se tornaram mais conhecidas da cidade (imagem 2), pois por mais que as duas fossem contemporâneas e tenham participado da produção literária da cidade dão indício de forte conexão pessoal entre as duas.

Imagem 2 - Estátuas de Cora Coralina e Leodegária de Jesus



Fonte: acervo pessoal

A conexão mais forte que aqui podemos estabelecer é que ambas autoras ajudaram a revisitar a antiga cidade de Goiás através de seus poemas, construindo por causa de suas experiências de vida, uma ideia do que foi a Cidade de Goiás do século passado.

Partilhar da mesma cidade não significa viver as mesmas experiências, mesmo tendo posições sociais parecidas, como falamos aqui do papel da mulher daquele tempo, mas de certa forma escrever sobre a mesma cidade é partilhar das mesmas referências do imaginário, da mesma temporalidade e até das mesmas imagens da paisagem, como bem aponta Silva(2020) que traça um paralelo da Paris e como seu imaginário se manteve nas obras de Bachelard e Walter Benjamin, filósofos de épocas distintas mas que escreveram na capital da França, do século passado.

A obra e vida de Leodegária está sendo resgatada agora por uma série de questões que envolvem questões raciais e de gênero, esses espaços refletem então uma conquista de uma história negra que tinha o risco de ser perdida completamente entre as camadas do tempo e agora é revisitada e colocada como ponto cultural da cidade, que entre muitos outros aspectos, tem o papel de sediar discussões que nos fazem pensar no novo papel social de pessoas marginalizadas.

7.2 A Casa da Ponte hoje em dia.

Na Rua Dom Candido no centro histórico de Goiás a Casa da Ponte da Lapa se mantém preservado como o museu Casa de Cora Coralina. Uma casa com arquitetura colonial portais de janelas azuis e porta verde como mostrado na imagem três está aberta

a visitasões de segunda a sábado para todos aqueles que quiserem conhecer a história por trás da menina Aninha.

Dentro da casa estão seus itens pessoais (roupas, cartas, livros) sua história é contada a partir dos informativos nas paredes que se misturam com seus poemas e através de guias especializados na sua vida. (Imagem 3).

Imagem 3 - Vista da casa de Cora Coralina



Fonte: acervo pessoal

A dinâmica aqui foi a transformações de espaços, sendo o lugar privado do lar acabar virando um lugar de importância histórica. A vida de Cora é importante para a Cidade de Goiás tanto em âmbitos sociais, pela importância literária que ajudou a cidade ficar conhecida no resto do Brasil, tanto pela consequente atração de turista que ajuda a girar a economia da cidade.

Um fato interessante para se apontar, mas que o trabalho não pretende gerar uma problemática maior em cima é como as relações comerciais que se associam a isso, pois o museu além de gerar renda por empregar pessoas, ele cobra ingresso pelo seu tour e vende produtos usando os poemas e até imagens da escritora, dinâmica que vemos também na livraria, mas aqui muito mais comercializada.

A dinâmica de usar a literatura como tema para produtos lembra, em menor escala, o estudo de Benjamin (1987) onde a era capitalista traz para as obras de artes, e nesse caso as obras literárias, o momento da sua reprodutibilidade, ao qual ao mesmo tempo

são vendidas como produtos, mas cumprem seu papel de arte sendo conhecida pelo o público mais geral.

De toda forma o espaço que foi construído no passado é uma experiência daquele tempo, e a construção que está lá é um testemunho do tempo em que foi criada, como mostrado por Tuan (2018, p.14):

“Conhecer um lugar é também saber o passado: o próprio passado mantido num prédio escolar, na drogaria da esquina, na piscina e no primeiro lar; o passado da cidade consagrado em seus marcos arquitetônicos.”

Do outro lado da ponte uma estátua de bronze em tamanho real da escritora (imagem 4) saúda moradores e turistas para lembrar a figura da senhorinha que cumprimentava de forma semelhante seus vizinhos na casa da ponte. A estátua é um pequeno exemplo de modificação do espaço e uma testemunha para a história da cidade, para passar para frente a imagem de Cora Coralina.

Imagem 4 - Estátua em bronze de Cora Coralina



Fonte: acervo pessoal

8. CONCLUSÃO

O trabalho aqui se propôs a observar diferentes aspectos de intersecção entre geografia e literatura, tanto no campo do imaginário quanto no campo físico propriamente

dito, de se observar símbolos, experiências e inclusive questões sociais, para cada parte conclui-se questões diferentes.

Ao passar pela análise fenomenológica dos poemas, trazendo para discussão o significado simbólico dos elementos espaciais presentes nos poemas, pode se observar uma correlação de significados simbólicos. A imagem do “ninho” e da “casa da infância” evocam um certo significado porque ela faz parte de uma corrente imaginária ao qual o imaginário social está atrelado.

Por outro lado, podemos esquematizar que esses símbolos ocupam determinado lugar por causa da experiência pessoal e vivência das autoras. Cora Coralina e Leodegária de Jesus escreveram da forma sofrida, cada uma a sua maneira, por viverem em uma sociedade controladas por homens e não terem voz para isso, valorizam a cidade por trazer-lhes felicidade, tinham um amor sobretudo pelo campo e pela natureza pois viveram em uma cidade que mesmo sendo capital tinha um apego aos seus símbolos interioranos. foram influenciadas por sua época e lugar que ocupavam, principalmente.

Quanto a influência da literatura no espaço, é interessante observar de novo o fenômeno da vivência, só que dessa vez do ponto de vista do leitor, aonde ele muitas vezes revive a Goiás da qual ele leu e isso passa a fazer parte do seu imaginário. E de como a figura dessas literaturas influenciam e criam uma cultura para as gerações futuras as suas, que passa a ocupar os espaços deixados por elas, prestando homenagens ou preservando sua história ou criam novas relações sociais, culturais e comerciais.

Cora Coralina e Leodegária de Jesus fazem mais do que relatar sobre o espaço que ocuparam, passam a participar do imaginário da cidade, construir narrativas atuais de grupos aos quais inspiram-se nelas e ajudam a manter na memória a história e os elementos espaciais vivos de uma Cidade de Goiás do passado e do presente.

9. REFERÊNCIAS

ALVES, Ana Carla Faria e ALVES, Ana Karina da Silva, *as trajetórias e lutas do movimento feminista no Brasil e o protagonismo social das mulheres*, In Seminário CETROS Neo-desenvolvimentismo, Trabalho e Questão Social, IV, 2013, Fortaleza Ceara, anais, p. 113-121.

BACHELARD, Gaston. *A poética do espaço*. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

BACHELARD, Gaston. *A água e os sonhos: ensaio sobre a imaginação da matéria*; [tradução Antônio de Pádua Danesi]. - São Paulo : Martins Fontes, 1997.

BENJAMIN, Walter. *A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica*. In obras escolhidas I. São Paulo: Brasiliense, 1987.

CORALINA, Cora. *Poemas dos Becos de Goiás e estórias mais*. 1ª edição digital, São Paulo, Global, 2012

CORALINA, Cora. *Vintém de cobre Meias confissões de Aninha*. 1ª edição digital, São Paulo, Global, 2012 II.

DENÓFRIO, Darcy França (organizadora); *Lavra dos Goiaes III: Leodegária de Jesus*. Goiânia, Canonê editorial; Livraria Leodegária, 2019

FRANÇA, Basileu Toledo. *Poesia: Leodegária de Jesus*. Goiânia: Kelps, 1996.

JESUS, Leodegária de. *Coroa de Lírios*, Coleção Gleba/poesia, Cidade de Goiás, 2020.

JESUS, Leodegária de. *Orchideas*. 3ª edição, Goiânia, Leodegária publicações, 2021.

PEREIRA, Iêda Maria Vila boas, *Cora Coralina a mulher-poeta e suas múltiplas vozes*. Dissertação (mestrado em literatura) Instituto de Letras, Universidade de Brasília. Distrito Federal, 2009.

RAMÓN, Saturnino Pesquero. *Cora Coralina: O mito de Aninha – 2ª edição revista e ampliada*. Goiânia : Ed. Da UFG, 2006.

RECKERT, Stephan, *O signo da cidade in O imaginário da cidade*, 1985. **Notas**, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian. Serviço ACARTE, 1989. p.11- 31

SILVA, Valéria Cristina Pereira da. *O espaço é a flor azul do imaginário: Gaston Bachelard e Walter Benjamin em Paris – a descoberta de uma paisagem literária*. Revue Confins. 2020.

TUAN, Yi-Fu. *Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente*. São Paulo: Difel, 1980.

TUAN, Yi-fu. Lugar: uma perspectiva experiencial / Place: an experiential perspective revista: *Geograficidade*, edição: 8(1), p.4-15. 2018.

Recebido em 15/10/2023

Aceito em 15/10/2023

Publicado em 26/01/2024